

O que há por trás dos feminicídios registrados no Distrito Federal

Portal Metrôpoles contou histórias das 33 vítimas de feminicídio em Brasília em 2019. Em comum, a cultura machista, de violência e de menosprezo ao feminino

Érica Montenegro
18 de fevereiro de 2020

WILSON DIAS/AGÊNCIA BRASIL



Casa da Mulher Brasileira no DF: segundo o portal *Metrôpoles*, 33 mulheres morreram na capital do país em crimes classificados pela lei 13.104/15 em 2019

O portal de notícias *Metrôpoles* investigou todos os feminicídios que aconteceram no Distrito Federal em 2019 dentro do projeto editorial *Elas por Elas*. No ano que passou, 33 mulheres morreram na capital do país em crimes classificados pela lei 13.104/15.

A referida lei deu um passo político importante para que os crimes de gênero - cujas características são tão distintas dos outros - ganhem a visibilidade necessária para que sejam enfrentados com políticas públicas específicas.

Uma canetada, mesmo que seja uma canetada presidencial, não é capaz, entretanto, de diluir a cultura do machismo e do menosprezo à mulher na qual estamos inseridos há tanto tempo. É nesse contexto, que entra a comunicação e sua capacidade de

mobilização para a transformação social.

A comunicação consegue agendar o debate público com novos conteúdos, além de amplificar a voz de grupos organizados. Também é capaz de influenciar pessoas, provocar reflexões e induzir mudanças de comportamento.

O projeto

No *Metrópoles*, as editoras Lilian Tahan, Priscilla Borges e Maria Eugênia decidiram que, em 2019, as notícias sobre feminicídios não seriam abordadas apenas no noticiário factual, que é o mais imediato, feito no momento em que as coisas acontecem.

Elas resolveram que os crimes de gênero seriam descritos em reportagens especiais com detalhes sobre a vida das vítimas, dos agressores e dos relacionamentos tóxicos que conduziram aos assassinatos.

Os feminicídios não são crimes que pertençam ao contexto particular de um casal. Eles não são histórias privadas, nem tragédias domésticas. São o ponto culminante de situações de violências físicas e simbólicas pelas quais muitas mulheres - se não todas - passam ao longo da vida. Os feminicídios são mortes autorizadas pelo machismo.

Os relatos dos crimes foram feitos para permitir que possíveis vítimas - mulheres que estão em relacionamentos com violência - reconheçam o perigo que as cerca. A missão era contar a história que precede os assassinatos, sobre como os relacionamentos abusivos se desenvolvem, para desnaturalizar a violência e escancarar situações que muitas vezes são julgadas como normais pelo agressor, pela vítima e até por familiares próximos. As narrativas sobre as vítimas, os agressores e os relacionamentos foram a maneira que encontramos de “meter a colher” num universo que ainda é povoado por estereótipos, preconceitos e falsas crenças.

Autoras

Outro diferencial do projeto *Elas por Elas* foi a participação majoritariamente feminina como autoras do conteúdo. As histórias das vítimas foram relatadas por 47 profissionais do sexo feminino (jornalistas, fotógrafas, artistas gráficas, revisoras e cinegrafistas).

A ocupação feminina em espaços de poder está ainda em sua fase inicial. A decisão de escolher mulheres para conduzir as narrativas foi uma ação afirmativa para ampliar a voz delas e aportar outros pontos de vista ao assunto. Também nos permitiu aproveitarmos dos conhecimentos - muitas das autoras têm especialização na área e militância política - e das vivências pessoais em relação ao enfrentamento do machismo. Além dos perfis das vítimas, o material foi complementado com entrevistas de especialistas, pesquisadores da área e autoridades de segurança pública. O objetivo era ajudar a população a compreender o tema, identificar situações de risco e saber como auxiliar quem corre perigo.

Resultados

Ao apurar os detalhes de cada um dos feminicídios de 2019 do DF, percebemos que não há um perfil padrão nem entre as vítimas, nem entre os agressores. A mais idosa tinha 69 anos e esteve casada com seu assassino por 50 anos. A mais jovem tinha 20 anos e a autoria do assassinato ainda não está esclarecida.

Ao contrário do que o senso comum prega, as mulheres mais pobres ou com menor escolaridade não estariam mais vulneráveis a relacionamentos tóxicos. Entre as mulheres que faleceram em 2019, há desde pessoas em situação de rua por conta da drogadição até funcionárias públicas moradoras das áreas nobres de Brasília.

As histórias das vítimas mostram que a violência contra mulher não distingue idade, classe social, tempo de convivência ou status de relacionamento. Com perfis sócio-econômicos muito distintos, o que aproxima essas mulheres é terem sido subjugadas por um homem. O pano das histórias é a cultura machista, de violência e de menosprezo ao feminino.

Ao fim de um exaustivo trabalho de 365 dias, fica a impressão de que o assunto precisará ser tocado muitas vezes.

Érica Montenegro

Jornalista com especialização em Jornalismo Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. No ano de 2019, foi responsável por editar o projeto *Elas por Elas*.

<https://backup.forumseguranca.org.br/multiplas-vozes/template-multiplas-vozes-t2mgr-o6zzn-zjjuh-hi3nj-iyxsx-vc35o-jes2f-p45gr-boopr-2ez42>

